



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**AIRTON DA SILVA NEGRINI, BENNO BECKER JÚNIOR,  
EDUARDO HENRIQUE DE ROSE, ELIO SALVADOR PRAIA  
CARRAVETTA, FRANCISCO XAVIER DE VARGAS NETO, MÁRIO  
ROBERTO GENEROSI BRAUNER**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME–ESEF–UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-341

**Entrevistados:** Airton da Silva Negrini, Benno Becker Júnior, Eduardo Henrique De Rose, Elio Salvador Praia Carravetta, Francisco Xavier de Vargas Neto, Mário Roberto Generosi Brauner

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte – CEME/UFRGS

**Entrevistadores :** Silvana Vilodre Goellner e Mário Roberto Generosi Brauner

**Data da entrevista:** 29/07/2013

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla e Natália Bender

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 117 minutos

**Páginas Digitadas:** 27 páginas

**Observações:** o depoimento foi coletado a partir de uma reunião realizada com todos os professores. O registro foi feito em áudio e transcrito. Considerando a temática central do depoimento, a participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona, os depoimentos foram editados preservando-se apenas as falas que mantinham relação com o foco da entrevista.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Participação dos professores nos Jogos Olímpicos de Barcelona; realização do doutoramento dos professores em Barcelona impulsionados pelo professor Eduardo Henrique de Rose; a estada na Espanha e as dificuldades encontradas; o processo de doutoramento; o apoio constante do professor De Rose; a participação em atividades pré-olimpíada e pós-olimpíada; a criação do curso de pós-graduação na escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio grande do sul; a percepção de cada professor sobre o período em que estiveram na Espanha; a organização dos Jogos Olímpicos de Barcelona.

Porto Alegre, 29 de julho de 2013. Entrevista com Airton da Silva Negrini, Benno Becker Júnior, Eduardo Henrique De Rose, Elio Salvador Praia Carravetta, Francisco Xavier de Vargas Neto, Mário Roberto Generosi Brauner a cargo dos pesquisadores Silvana Vilodre Goellner e Mário Roberto Generosi Brauner para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

Mário Brauner – Bom dia. A Silvana<sup>1</sup> já apresentou o CEME e o projeto sobre a participação dos gaúchos e das gaúchas nos Jogos Olímpicos. Agora poderíamos aproveitar mais esse momento para falar de nossa participação no ciclo olímpico de Barcelona. Eu acho que o Eduardo Henrique De Rose naquele momento catapultou quatro professores, mas ele já vinha fazendo isso com o curso de especialização em Medicina do Esporte pois trouxe muita gente para cá e levou muita gente para lá. Aquela leva de 1990 significou, eu acho, um divisor de águas na história da ESEF<sup>2</sup> em termos de qualificação, porque daqui saiu vários professores. Eu falei 1990, mas o Negrini foi antes, foi em 1989. Então, acho que o grande lance dessa manhã é recuperar um pouco dessas circunstâncias, de alguns professores da ESEF, como eu, que, mesmo sem ter o mestrado, tiveram a oportunidade de fazer o Doutorado lá na Espanha. Professores que deram para a Escola uma condição diferente para a Pós-Graduação também, e aqui nesse depoimento nós temos reunidos vários diretores e de várias instituições. O Negrini quando retornou quase que imediatamente pegou o curso de especialização e deu uma incrementada importante. Então, hoje seria nossa oportunidade de falar sobre isso. Eu acho que começando pelo De Rose pois foi de onde surge a ideia ou a possibilidade de qualificar os professores. Depois nós poderíamos falar sobre esse momento pois acho que por cinco ou seis anos a Escola teve uma sucursal em Barcelona... [RISOS] A gente foi e recebeu muita gente lá.

Airton Negrini – Ele era bom mesmo e teve em Barcelona um momento áureo. Chegou lá e ganhava tudo disparado, era uma coisa louca. Uma vez nós fomos em um bar e os caras diziam: “Mas não tem graça, esse rapaz ai ganha todas”. Era o Walmir<sup>3</sup>...

---

<sup>1</sup> Silvana Goellner, Coordenadora do Centro de Memória do Esporte e responsável pela condução da entrevista.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS).

<sup>3</sup> Buscar o nome completo.

Francisco Vargas Neto – Ele colaborou muito para a percepção dos espanhóis a nosso respeito, porque nós chegamos lá e recebemos um tratamento diferenciado, negativo logicamente. *Sudaca* era o termo que eles utilizavam para nos denominar. *Sudaca* como sinônimo do cara que vai te dar problemas, o cara que pode lidar com droga, o cara que não vai pagar o aluguel... Nós éramos *Sudacas* e eu vejo que a vitória do Walmir mudou muito a percepção ao nosso respeito, principalmente dentro do INEFC<sup>4</sup>.

Airton Negrini – Diga-se de passagem, que ele era treinado pelo professor Carravetta [RISOS] e isso é uma coisa importante da história, porque o Carravetta tem toda uma história de atleta, tinha um laço muito grande de conhecimento e treinamento.

Élio Carravetta – Hoje o Walmir hoje tem uma estrutura de vida graças aquilo lá, tem uma bela estrutura de vida. Ele se formou em Educação Física e tem uma das maiores academias, um centro de saúde em Horizontina.<sup>5</sup> Sobre nossa ida para Barcelona eu vejo assim: pessoalmente a minha ida a Barcelona eu tenho uma pessoa que é responsável e que me impulsionou. Não vou fazer demagogia, não vou levar nada dele, mas eu tenho uma amizade e um reconhecimento que é o Eduardo Henrique De Rose.

Francisco Vargas Neto – Padrinho de todos nós.

Élio Carravetta – E eu particularmente vejo que a minha vida modificou. Minha visão de mundo, a minha visão acadêmica... Eu tinha uma visão extremamente técnica, limitada, uma visão até de prepotência em relação ao domínio de determinadas ferramentas e de determinados conceitos. Eu achava que aquele conceito era um máximo e no fim passei a ver que não tinha referência alguma, aquele pouquinho que eu tinha era muito pobre, então, foi um *feedback* em relação a minha história. Eu estou falando a minha história de vida, a minha relação docente, a minha relação com o aluno e com o outro pois houve uma modificação, uma mudança muito, muito grande. Então, eu acho que é esse impulso dentro de uma organização, quando tu tem esse tipo de liderança. Eu acho que isso foi importante, eu acho que essas referências dentro de uma organização, dentro de uma escola, que impulsiona, que motiva, que mostra caminhos. Então, nós temos até diferenças que eu não

---

<sup>4</sup> Institut Nacional de Educació Física, Universidad de Barcelona.

tinha, porque temos diferenças de ideias, mas acho que isso é importante; eu acho que isso é propulsor e vejo que é extremamente importante dentro da instituição. Eu acho que naquele momento foi importante, para nós e para outras gerações que passaram e que impulsionaram muito a Escola de Educação Física. A geração do Ricardo Petersen<sup>6</sup>, a geração do Fortuna<sup>7</sup>, a geração do Guimarães<sup>8</sup>. Isso foi um impulso! Eu não esperava fazer o doutorado, eu fiz o mestrado com muita dificuldade na PUC<sup>9</sup>. Fiz a primeira avaliação de mestrado e não fui aprovado; tentei de novo na PUC e fiz aquele mestrado em cinco anos. Conclui o mestrado e estava dando aula e surgiu essa oportunidade dentro da Escola de Educação Física e não foi em outro lugar. Acho que isso é muito importante, isso eu tenho um reconhecimento muito grande em relação a esse aspecto.

Benno Becker Júnior – E por outro lado eu queria colocar mais alguma coisa nisso que você está abordando; eu vou colocar uma faceta que não aparece, claro que com a minha visão psicossocial. Eu fui para lá para fazer o doutorado em psicologia e o que eu notei... O Élio colocou muito bem. Foi uma parte da nossa formação, mas principalmente da estruturação da nossa personalidade lá, através de um fator que às vezes a gente não vê, mas hoje a gente nota. Eu analisei muitas vezes isso: a agravante do sofrimento. Todos os que foram para lá sofreram muito, tiveram que ter um monte de estratégias psicológicas para superar o sofrimento. Foi muito sofrido e um sintoma que também não aparece é o aumento do “trago”, o aumento da bebida, ou seja, eu não tomava mais cerveja e, de repente, nós estávamos todos na cerveja. Na época o Chico até me chamou a atenção. “Sabe de uma coisa, eu to achando que quando a gente tá tomando demais”. Lembra Chico? [RISOS] Nós estávamos tomando demais. Isso por quê? Nós éramos oitenta profissionais que estavam fazendo doutorado lá. Oitenta que eu lembro bem da quantidade, E os oitenta passando por uma coisa que o governo do Brasil não cuidou e acho que não cuida até hoje. É igual a jogador de futebol, eles são vendidos, tem um empresário que ganha um naco bem grande, fazem uma festa monumental e eles vão para o exterior e acontece com eles a mesma coisa que aconteceu conosco. Só que conosco como profissionais com uma coisa atrás, ou seja, um déficit forte de formação. Um profissional

---

<sup>5</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

<sup>7</sup> Newton Fernando Fortuna.

<sup>8</sup> Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

já formado numa faculdade coisa e tal, nós temos hipoteticamente mais qualidade para enfrentar essas coisas. Os jogadores partem para lá e no primeiro dia que chegam é uma festa, aquela coisa e tal. Estou esperando a mesma coisa com o Neymar<sup>10</sup>. Eles têm um tapete vermelho... Nós não recebemos um tapete vermelho, era uma língua estranha, olhando na cara de cada um que passava na rua para ver se tinha algum cara parecido, algum conhecido e tal. E não tem ninguém, isso dá uma grande ansiedade, depressão, principalmente depressão, e o camarada é obrigado a tomar alguma coisa para isso, aí se toma. Quando nós voltamos, a gente passou por tudo isso, o governo deveria ter apanhado esses depoimentos para preparar isso. O jogador de futebol até hoje não faz isso, não se prepara para o que virá, o pessoal vende e eles não mudam muito. Não fomos preparados para nossa sequência, para a nossa categoria de professores de ESEF/UFRGS e isso deveria ser cuidado. Ou seja, esse aspecto, não é salientar uma coisa ruim não, foi excelente como o Élio estava dizendo, e que todos vão dizer também, Foi excelente! O De Rose realmente nos colocou numa situação muito legal que foi o acesso a Olimpíada. Nós como voluntários na parte de doping funcionou muito bem, Só aquele negocinho, aquele crachá que nós tínhamos... encostava aquilo onde pudesse entrar: ônibus, metrô, tudo, Nós tínhamos a possibilidade de penetrar em tudo que é lugar e a gente era reconhecido como voluntário. Um trabalho extraordinário que serve de norte até para todas as outras Olimpíadas, e será também para o Brasil. Eles estão chamando gente daquele tempo para...

Francisco Vargas Neto – E possibilidade mesmo de participar dos Jogos lá...

Silvana Goellner – Então vocês todos participaram dos Jogos?

Francisco Vargas Neto – Sim, todos.

Eduardo De Rose – Talvez eu possa te dizer qual foi a ideia que... Como todo mundo aqui teve mais ou menos um mentor, eu também tive um mentor na época na ESEF, na UFRGS e que me ajudou muito, que foi o professor Mário Rigatto. Ele me disse uma vez: “Nós estamos chegando numa época que ou você é doutor, ou você não é nada para Universidade”. Isso ele me falou 1988 ou 1989 e eu, em função disso, já com quase

---

<sup>9</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

quarenta anos, fui fazer meu doutorado. Foram cinco anos pródigos na Alemanha e enfrentei tudo isso que vocês falam. Nessa época eu acho que eu tinha qualquer cargo na direção da escola, não lembro se eu era diretor ou vice–diretor do Carioca<sup>11</sup>?

Mário Brauner – Quando nós fomos para Barcelona? Você era o diretor.

Eduardo De Rose – É diretor. Então a Escola não tinha doutor e isso me complicava tudo que a gente queria fazer qualquer coisa e sempre perguntavam: “Quantos doutores vocês tem na Escola?”. Nós tínhamos dois.

Mário Brauner – O Ricardo e o Guimarães?

Eduardo De Rose – Eu já tinha feito uma primeira investida. Eu não era diretor mas eu tinha uma função no Ministério da Educação e Cultura na CAPES, e já tinha conseguido mandar colegas para o exterior... A gente conseguiu naquela leva mandar o Guimarães, mandar o Ricardo, mandar o Fortuna para fazer doutorado. O Fortuna não chegou a fazer doutorado, mas o Ricardo e o professor Guimarães fizeram doutorado e foi uma primeira soma que a Escola só tinha dois doutores. Então para mover para frente nós tínhamos quase quarenta professores e dois doutores, era uma situação muito ruim. E essa ocasião de Barcelona foi muito boa porque a Olimpíada em Barcelona criou condições nos quatro anos anteriores, que eu visitava Barcelona quase duas vezes por ano, de conversar com o pessoal do INEFC de lá para aceitar um grupo de brasileiros de Porto Alegre. Porque na realidade eles não chegaram a fazer concurso, hoje à gente sabe que para o doutorado tem que fazer concurso. E lá tinha uma espécie disso e a Catalunha era fechada até para os espanhóis, o que dirá para os estrangeiros. E esse conceito do *sudaca*... Na realidade o brasileiro não é considerado *sudaca*, mas eles não tinham a compreensão de que o Brasil era diferente da América. Eles misturavam a gente com boliviano, com paraguaio, com equatoriano, e achavam que a gente era do mesmo estilo...

Benno Becker Júnior – E eu corro até o risco de dizer que nossa passagem por lá modificou essa percepção deles, acho que modificou...

---

<sup>10</sup> Neymar da Silva Santos Júnior, jogador da seleção brasileira.

Airton Negrini – Eu acho que tem que ter um parêntese histórico. Grande partes dos países da América Latina naquele momento histórico o curso de Educação Física não era considerado curso superior. Ao menos aqui éramos curso superior, tanto é que quando eu cheguei lá, eu fui para o departamento de e quando falei com o diretor lá, com o manda chuva, o cara me mandou fazer aula na psicologia, como quem diz assim: “Vai lá e estuda mais um pouco para fazer o doutorado”.

Benno Becker Júnior – Mas tem outra coisa que, agora, por exemplo, já posso dizer: já uns doze anos para cá o médico não entra ali facilmente, ele vai ter uma licenciatura, e a licenciatura em Educação Física imediatamente depois da nossa passagem lá. Não por nossa passagem, mas logo depois solicitação da licenciatura em Educação Física é uma das coisas mais valiosas que eles tem para ingresso no doutorado... Tem várias universidades de lá que para um médico entrar num doutorado ele vai ter que fazer uma solicitação direta ao reitor e o reitor vai autorizar ou não. Nós tivemos alguns casos de médicos que não conseguiram entrar porque não tinha licenciatura. Mas essa coisa da *sudaca*, realmente era assim e nós tivemos um papel importante, sem duvida nós tivemos um papel importante. Eu era diretor da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte por oitos anos e o pessoal me conhecia lá; me conhecia, sabia o meu nome porque aparecia sempre e eles, na hora, me encontravam: “Como é que vai?” Ao final da minha estadia lá tinha ainda um senhor que chefiava toda a parte de pesquisa lá no governo espanhol, e esse ai começou a falar comigo coisa e tal. Depois ao final eu me reuni com o pessoal da psicologia do esporte lá e dei realmente uma chamada de atenção. Achei um desrespeito o que eles fizeram em termos de ser humano, eles não me reconheceram. Nunca me convidaram para um café, e depois daquilo ali certamente a nossa passagem por lá levou a um desenvolvimento melhor assim do que é um Brasil, em termos de profissão. Hoje certamente tem muito espanhol que vem de lá fazer cirurgia aqui no Brasil. Então hoje isso é uma coisa realmente definitiva, nós passamos um tempo normalmente sendo considerados *sudacas*, e a gente sentiu isso daí.

---

<sup>11</sup> Paulo Gilberto de Oliveira.

Francisco Vargas Neto – Tem até uma passagem interessante. Quando nós nos mudamos para um bairro onde já moravam outros brasileiros tinha uma senhora que alugava os apartamentos, a dona Adenita. No início ela tinha medo de alugar para nós, até que se deu conta que eram professores universitários, bolsistas que pagavam o aluguel, a conta de água, luz e telefone, rigorosamente em dia. No início ela tinha medo de alugar e depois ela passou a dizer que somente queria alugar para bolsistas brasileiros, então, é isso que eu me refiro quando eu digo que houve uma mudança.

Airton Negrini – Mas acho que a linha de raciocínio do De Rose vinha fazendo é importante resgatar, já que o documentarista, e acho que ele deve falar até mais mas eu sei como essas coisas são e às vezes as pessoas não quer falar. O De Rose foi a peça chave em toda a pesquisa, o processo, e vou dizer o porquê que eu entendo assim: ele teve várias sensibilidades, que isso não me afasta de uma pessoa, quer dizer, ele não me empurrou para o curso do INEFC porque ele via minha formação; ele me abriu a fenda na formação a que eu vinha tendo, que era na filosofia e ciência de educação, o que eu nunca me arrependo de ter feito. Eu tinha contatos e esse contato me facilitou minha entrada, mas o De Rose não só teve essa visão porque a ESEF não teria, pelo menos por algum tempo, o curso de mestrado sem essa leva. E eu costumo dizer algo que eu digo para todo mundo e vou dizer aqui, porque é a primeira vez que venho aqui, por sinal aqui nunca me convidaram para nada...

Francisco Vargas Neto – Faça dele as minhas palavras...

Airton Negrini – Nunca para nada, nada, desde que eu formei o último doutorando. Eu fui um professor que paguei em dobro a minha bolsa de estudos, isso tem que ficar registrado. Eu, Airton Negrini paguei em dobro porque eu voltei em 1993 e fiquei até 1998, eu fui aposentado e não sabia que estava aposentado, estava me despachando em outubro e me disseram: “Não era nem para você estar assinando isso daqui”. Mas não se preocupe, porque nesse meio tempo tinha saído o De Rose, tinha saído o Breno, tinha saído... Muito bem, mas nesse meio tempo o que é importante é o seguinte: eu fiquei até 2002, eu trabalhei aqui quatro anos sem ganhar um tostão, dando duas disciplinas e nunca faltei uma aula, os registros...

Francisco Vargas Neto – Ele não chega atrasado.

Airton Negrini – Não chego atrasado e não saio antes da hora, continuo igual. Mas eu quero dizer o seguinte: O De Rose foi tão importante nesse ponto e o que mais me impressionou não foi só as portas que ele nos abriu; ele nos abriu portas e isso não tem dimensão, por exemplo: como é que o De Rose fez para nós recebermos o primeiro salário lá porque só pagavam em cheque e tinha que ter o endereço para entregar o salário? Ele sempre tinha os amigos que emprestavam o nome para que pudessem receber nossa primeira bolsa.

Benno Becker Júnior – Isso foi pra ti?

Airton Negrini – Para mim foi assim porque eu fui o primeiro, quer dizer, tudo foi difícil quando eu cheguei. Então: ele não só fez isso, ele nos deu assistência o tempo todo que nós estivemos lá, e indo sistematicamente e levando malas de coisas daqui que lá não tinha. Arroz, feijão preto, erva, até pó mineiro levou uma vez que acharam que era cocaína, o polvilho para pão de queijo. É verdade isso, sabe uma vez que eu cheguei a Barcelona e eles estavam me esperando lá, me trancaram porque eu tinha uns oito sacos de polvilho... Quero registrar mais detalhe: o que mais me chamou a atenção nesses Jogos Olímpicos: primeiro, foi o padrão de organização e o De Rose conseguiu nos colocar em lugares que não gostávamos, eu fiquei lá na canoa e no caiaque...

Eduardo De Rose – No remo.

Airton Negrini – No remo, do lado da minha casa. Dava para ir, não digo a pé, mas era muito próximo. Agora outro detalhe, outro registro histórico, isso já se passaram vinte anos, todo mundo sabe disso, mas era impressionante: o que mais me impressionou em Barcelona, nos Jogos Olímpicos em 1992, era a densidade de reconhecimento do Doutor De Rose a nível internacional.

Francisco Vargas Neto – Isso é inegável.

Airton Negrini – Isto tem que ser registrado. Em 1992, nós tivemos as portas abertas porque ele era respeitado pelo seu trabalho, pela formação científica, pela autoridade que representava á nível internacional enquanto aqui na ESEF queriam por o pé no pescoço dele, que é uma coisa horrorosa, eu sai daqui e disse: Isso é uma coisa horrorosa, eu nunca vi! Então, como eu nunca tive papas na língua isso ai um dia, um dia eu vou dizer isso em algum lugar, eu vou ter oportunidade. De Rose foi a pessoa que não só foi visionário no tempo, ele enxergou para essa Escola... Até deu o depoimento aqui do Mário Rigatto que foi um grande pneumologista. O Mário Rigatto na realidade o impulsionou, e ele nos impulsionou. Então eu quero justificar que, para mim, eu talvez não tivesse a carreira brilhante, porque minha carreira foi brilhante, eu continuo ai pela minha passada em Barcelona, pela formação que eu tive lá. Eu vim com outra visão de mundo também, completamente diferente.

Élio Carravetta – Eu gostaria também de deixar registrado, isso foi o que eu vivenciei, não estou aqui para fazer demagogia ao De Rose, mas eu acho que é a realidade. Nós estávamos em Barcelona e o De Rose tinha o status elevado; tinha motorista, tinha carro, eu tive a oportunidade de ver mais ou menos, mais de dez pessoas, alunos aqui que passaram pela Escola de Educação Física e ele buscando alojamento para esses alunos para que eles pudessem vivenciar os Jogos Olímpicos.

Airton Negrini – É verdade.

Élio Carravetta – Então, vamos ser sinceros: tem algumas coisas que eu acho é muito importante registrar. A gente fala tanto no lado humano, numa sociedade humana, num professor humano e ele fez isto eu vi o desespero dele para alojar as pessoas, os alunos nas casas de conhecidos.

Airton Negrini – Sem custo nenhum.

Élio Carravetta – Sem dinheiro para participar, para vivenciar os Jogos Olímpicos. Então, isto eu acho que isso tem ficar registrado.

Eduardo De Rose – Eu estou ficando constrangido. Bom, então, eu consegui no INEFC lá de Barcelona que eles aceitassem professores brasileiros. O Fernando Rodrigues que era meu colega médico lá era professor que me ajudou nessa parte. o Doutor Cuervo<sup>12</sup> que era médico chefe de *doping* de Barcelona foi fundamental para porque ele me garantiu que ia me dar credenciais para todos eles porque em Barcelona eu assumi a chefia da comissão médica do COI<sup>13</sup> na parte *doping* porque eu falava espanhol e ninguém na comissão técnica falava espanhol. Então eu fiquei meio como que interface da comissão médica com a organização e o meu plano era que eles, além de fazer a parte técnica do doutorado, tivessem uma vivência esportiva, cada um na sua área. Por exemplo, o Negrini, como ele não tinha uma área específica ele foi para o remo, o Chico foi para o judô, o Mário foi para o basquete, cada um foi para a sua área e trabalhou no *doping* dentro da quadra. Então, a ideia era essa: somar o aspecto profissional com o aspecto de experiência no esporte e assim ter uma equipe aqui na Escola que nos permitiu abrir o mestrado e, posteriormente, o doutorado.

Francisco Vargas Neto – Tem que acrescentarmos também que nós chegamos lá eu o Mário em janeiro, nos primeiros dias de janeiro de 1990 e foram dois anos até as Olimpíadas; dois anos e meio onde nós participamos em mais de cem eventos, de seminários, congressos, encontros, com os maiores nomes mundiais da atividade física e do esporte. Aquela escola de treinadores que nós íamos muito e que não tinha semana que não trouxessem um grande nome do treinamento, da preparação física, da psicologia do esporte. Foram dois anos que não tem como explicar.

Airton Negrini – Tem uma historia interessante de que registro que é o tipo de ser do brasileiro e do gaúcho. Houve um fato inédito: eu fui fazer uma disciplina, porque eu tinha interesse e o professor era um cara que publicou um livro, para mim era dos os melhores livros que foram publicados, era o Pierre Parlebás. Ele era um homem de conformação extraordinária e eu fui fazer a disciplina, queria fazer e fui. Um dia iniciou a aula com quarenta pessoas doutorandos, mestrandos e as pessoas começaram a sair...

---

<sup>12</sup> Nome sujeito à confirmação.

Francisco Vargas Neto – Ficamos só nós.

Airton Negrini – Ficamos nós os três, e eu acho que mais um ou dois alunos.

Francisco Vargas Neto – O homem era um gênio.

Airton Negrini – O homem era um gênio e foram todos embora. Bom, aí eu mudei o modo de ser. Nós combinamos de nos reunir no final de semana nós vamos nos reunir e pensamos: Vem cá, vamos convidar esse homem, esse homem não tem ninguém, acabou a palestra e não tinha para onde ir. Ai nós fomos na casa do Mário, fizemos um almoço e convidamos o Pierre Parlebás.

Mário Brauner – Para assistir um jogo.

Airton Negrini – Para ir assistir um jogo do campeonato mundial e ele aceitou. Então eu digo assim: isso não é uma crítica, estou tentando registrar a nossa forma de ser, tudo que o gaúcho tem na sua genética, ou no seu DNA que é reunir os amigos em frente a uma mesa, ofertar e celebrar. Eles não tinham esse comportamento, e o Parlebás analisou isso para nós, porque ele fez uma análise, neste dia na casa do Mário, de que eles não tinham formação de vida acadêmica, como quem diz assim: “Me trouxeram aqui, me pagaram, me jogaram aqui e foram embora”. Foi isso que ele disse lá em outras palavras. Bom, ele saiu encantado, passou ali um dia comendo e bebendo e nós aprendendo porque ele era um homem que tinha três formações: era matemático, sociólogo e professor de educação física, Ele nos contou que levou dez anos estudando para fazer o desenho que ele fez da comunicação, da sociabilização, do espaço selvagem, do espaço domesticado sobre os gestos do campo de jogo e que é uma coisa fantástica e totalmente inovadora até hoje. Então esse cidadão não esqueceu porque, na verdade, imagina aquela sumidade em Barcelona, os caras abandonaram a sala de aula lá, iam embora...

Benno Becker Júnior – Eu queria deixar também aqui registrado uma coisa do De Rose a respeito da psicologia do esporte. O De Rose foi a pessoa que me despertou nessa parte de

---

<sup>13</sup> Comitê Olímpico Internacional.

psicologia do esporte, tanto é que logo eu fui fazer o curso de psicologia e ele já me colocou em várias coisas. O primeiro estágio que eu fiz na Europa foi bem antes de vocês, em 1975.

Eduardo De Rose – Na Romênia.

Benno Becker Júnior – Vi ali as melhores pessoas que existiam no mundo; a gente até discutiu porque eu também lia sobre isso e ai ele me disse como é que se fazia lá na Romênia porque era a época da cortina de ferro, não era mole, era difícil. Fui para Roma e depois para a Alemanha e, é claro, na Espanha conheci muitas pessoas e ele abriu esse caminho.

Eduardo De Rose – Mas eu quero contar uma coisa que foi um problema que eu tive. Eu fiz toda a montagem na minha cabeça desse negócio, mas ai faltava os atores, digo: “Bueno, quem é que nós vamos mandar?” Eu sou o diretor da Escola e dizia: “Quem é que tem mestrado nesse negocio aqui?” O Negrini, o Élio, O Benno? Esses vão ser os primeiros três, mas tinha mais gente para mandar e ai encontrei o Chico disse: “Chico, vamos para a Espanha?” E ele: “Tá louco, tá maluco”. “Chico vamos ter uma bolsa lá, dá para a gente ir” E o Chico: “Tu tá delirando, fica na tua, não inventa, não sonha”. Foi uma briga para eu conseguir convencer o Chico. Mas, o pior para convencer foi Mário porque naquela época aqui na Escola tinha um problema político sério e o Mário não era do meu grupo. E quase apanhei dele. Ele me disse: “O que tu quer comigo? Eu não voto em ti de jeito nenhum, me esquece”. E eu dizia: “Não é questão de votação”.

Mário Brauner – Foi assim mesmo!

Eduardo De Rose – Foi assim, [RISOS]. Eu repetia: “Não é questão de votação, não estou fazendo para ninguém, eu não sou nada aqui, eu não consigo ser eleito nem para papagaio nessa Escola”. Eu sai de vice-diretor por um acaso pois o Carioca se aposentou e eu peguei.... Mas eu tive que conversar com ele um monte com o Mário e ele disse: “Eu vou mas nunca vou votar em ti, eu não tenho problema de ir, eu vou, não vou votar em ti”. Eu disse: “Pode ir tranquilo” [RISOS].

Élio Carravetta – Neste período existiram muitos cursos pré-olimpíadas e cursos pós-olimpíadas. Nós participamos de muitos cursos e algumas coisas chamam atenção. Eu participei dentro da área mais técnica do esporte, os cursos eram lotados; dentro da área das ciências humanas a participação era limitada, eu lembro que eu fui num curso com o Eric Dunning, ele com aquele cachimbo dele, eu disse: “Vai está lotado”. Tinha ido seis pessoas assistir. Por outro lado fui ao um curso logo após a maratona de Barcelona, um curso pós-olímpico que veio um inglês com formação em medicina deu um curso falando sobre maratona, uma manhã e uma tarde, e eu lembro muito bem que fomos os primeiros a sentar. Tinha um interesse enorme, estava lotado e esse senhor com um material didático audiovisual fantástico para a época, ele falando, falando... Foram experiências incríveis!

Airton Negrini – Tinha a dificuldade também histórica importante, porque a gente, por exemplo, qualquer um de nós hoje pode pegar um acervo como esse daqui... Eu quero até parabenizar a Silvana pela densidade que tornou isso aqui que acho que é uma coisa fantástica e também que também tenho coisa para doar e vou doar. Essa questão, a questão das relações que eu quero deixar registrado aqui; é sobre o que significa viver um momento olímpico e o que é informar-se sobre o momento olímpico, viver, aquilo e nós estávamos lá. Eu presenciei um fato, porque a gente viveu assim uma vida de família aquele tempo, um torcia pelo outro, um sentia as angústias do outro no momento que ia defender sua dissertação, enfim, foi um momento ímpar na minha vida. Mas quando acabou a minha passagem lá, duas coisas que dizem respeito ao momento olímpico que eu queria deixar registrado aqui: a primeira delas é eu ter vivenciado o remo em águas brandas, impressionante há vinte anos o nível de controle do anti *doping*... Isso me impressionou porque eu nunca imaginei que pudesse participar da equipe médica, como escolta... Porque já em 1992, por exemplo, nas primeira eliminatórias eles mandavam pegar o quarto, o quinto e o sexto lugar, para o *doping* eu perguntava: “Vem cá, e o primeiro e o segundo lugar?” E a resposta era: “Espera que esses vamos pegar lá na frente”. Então a organização desse Comitê Olímpico Internacional que já estava tão avançada há vinte anos atrás porque ninguém escapava do *doping*, não tinha como escapar e isso é uma coisa que me chamou atenção. Quer dizer: há a vinte anos atrás já tinha essa fantástica organização, esse apuramento técnico de detectar o sujeito portador. Mas a

segunda questão que me chamou também muito atenção é que eu só tinha visto em filme e para mim é um momento lindo... Quando eu acabei o meu trabalho nesse local onde eu estava e o Élio disse assim: “Negrini, vamos lá para o atletismo” porque o Élio tem o atletismo no sangue. “Vamos Negrini, vamos lá que tem as finais”. Fui vivenciar com ele que estava trabalhando lá dentro do estádio e eu vi uma coisa, eu vi uma coisa que que é indescritível relatar, mas eu vou relatar. Houve uma competição, que eu não sei, era uma corrida, não sei se era 1.500, 3.000 ou 5.000 metros, ela não era tão curta, nem tão longa, e no final na chegada vinha um marroquino e nos últimos 100 metros esse marroquino levou uma cutucada e outro atleta ganhou a competição. Mas foi visível para quem estava dentro do estádio que aquilo foi um trampo: ele jogou e tirou da prova e ganhou. Foi aquele bate boca, aquela ovação e quando foram entregar o prêmio, começaram a chamar o terceiro lugar, chamaram o segundo e quando chamaram o segundo lugar aquele estádio levantou todo de pé, levantou aquele povo todo e aplaudia, aplaudia, aplaudia e quando chamaram o primeiro marroquino foi uma ovação só. Tipo, isso daí parece que você nunca vai ver isso na vida isso ai, o povo dando testemunho naquele momento de quem deveria ser medalha de ouro... Então isso foi uma coisa que ficou registrada na minha memória...

Eduardo De Rose – Mas tem outro exemplo Olímpico muito maior do que esse e que ficou na história que foi quando tiraram o Vanderlei<sup>14</sup> da maratona de Atenas. O cara agarrou ele, ele estava liderando e dois entraram na frente dele e ele ainda conseguiu chegar em terceiro, quando o primeiro e o segundo entraram no estádio ninguém falou nada; quando o terceiro, que era o Vanderlei entrou no estádio, o estádio veio à baixo e era a prova do povo que aquele era o vencedor. Tanto que o Comitê Olímpico teve que dar um prêmio especial para ele para justificar aquela ovação que ele recebeu na chegada, que é a mesma coisa...

Francisco Vargas Neto – Silvana, eu quero resgatar duas coisas importantes: A primeira delas é sobre esses agradecimentos que todo mundo está fazendo para o De Rose. Acho que está muito claro que ele é o nosso padrinho, nosso dindo como eu brinco sempre. A minha vida teve uma transformação assim da noite para o dia. Eu era, e falo em meu nome, apesar de ter colegas aqui que são mais ou menos das mesmas áreas, ou seja, da área do

---

<sup>14</sup> Vanderlei Cordeiro de Lima.

esporte... Essa possibilidade então se abriu, de ir para Barcelona, essa mudança grande. Os percalços que esse homem enfrentou aqui, ele é um cara de coração maravilhoso, como todo mundo sabe, e lembrar assim que em todas as palestras que a gente conseguiu assistir dele, algumas lá em Barcelona ele sempre mostrava: eu venho do Brasil, depois mostrava o Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a ESEF. Ele ia fazendo assim e eu acho que até hoje ele faz, ou seja, levando nosso nome para lá e enfrentando extremas dificuldades aqui dentro. Um homem que voltava de viagem, e que são muitas que ele fazia, houve épocas que foi o número um em viagens pelo mundo, era o homem que mais viajava no mundo depois caiu para segundo lugar, que vergonha né De Rose... [RISOS].

Eduardo De Rose – Eu fui o primeiro a ganhar o Smiles Diamante quando a Varig lançou programa. A dúvida era essa: quem vai ser o primeiro brasileiro a ganhar o Smiles Diamante e todo mundo achava que ia ser um cara de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Eu cheguei de um jogo em Buenos Aires e estava toda a direção da Varig me esperando e disseram: “O primeiro cartão é seu”.

Francisco Vargas Neto – E esse cara voltava de todas essas viagens com malas de livros que trazia para a nossa biblioteca. Essa é uma questão que eu queria resgatar e a outra é o fato dos agregados que foram juntos para lá e acabaram se titulando também. A esposa do Negrini fez mestrado, a esposa do Mário fez doutorado, e a minha esposa fez doutorado também e hoje é professora aqui na ESEF e implantou o curso de dança. Então, além de tudo que ele fez por nós, eu acho que tem que creditar no nome dele também a qualificação das esposas, das companheiras, e...

Eduardo De Rose – Realmente, eu quero dizer assim: eu tinha um sistema de visitar eles a cada seis meses e eu levava o que eu chamava de kit estudante que era goiabada, mandioca, erva mate, carne, levava uma picanha para eles assarem... Eu ficava na casa do Mário, eu dormia na casa do Mário porque a gente ficava junto lá e eu tinha uma tremenda convivência com eles...

Mário Brauner – E levava os filhos de vez em quando.

Eduardo De Rose – E as minhas crianças também, todas elas trabalharam em Barcelona, menos o mais velho. Mas o meu pequenino trabalhou lá no tênis de voluntário, junto com a filha do Rei...

Benno Becker Júnior – Na minha casa a RBS<sup>15</sup> se instalou lá um ano...

Eduardo De Rose – Era embaixada gaúcha em Barcelona, todo mundo que ia para lá ficava na casa de alguém. Nos Jogos Olímpicos eu levei vários estudantes da ESEF e eles ficaram nas casas deles.

Mário Brauner – Só queria retomar a colocação do De Rose fez porque ela é emblemática. Eu não colocaria se você não fizesse essa lembrança e, realmente, foi uma dificuldade de eu aceitar a oportunidade que ele me ofereceu. Eu sou o único que continua aqui na Escola até hoje todas as minhas posições eram nem de A nem de B. Para cada caso eu tentava avaliar. Eu me lembro direitinho que eu perguntei para o De Rose: “De Rose, o que eu vou ter de “rabo preso” contigo depois dessa história?” Ele disse: “Mas você não me conhece...” O De Rose fez um meio de campo inegável, mas nós chegamos com algumas condições que dependeram de nós, de desbravar e de se desdobrar lá. O Negrini recupera um pouco aquilo que fala o Benno: a gente bebeu, a gente sofreu mas é inegável que nas condições que nós fomos... Primeiro foi o Negrini abrindo os caminhos, depois fui eu e o Chico sem dinheiro, só com a aprovação do mérito, nem sabíamos quando iria sair a bolsa de estudos. Depois foi o Élio, o Benno e nós lá não tínhamos os orientadores, nós tínhamos que batalhar, nem deveria ser o De Rose que deveria batalhar isso para nós, mas não foi fácil. Depois que o Negrini construiu uma base isso nos ajudou um monte.

Francisco Vargas Neto – Deixa eu só contar uma história a chegada do Negrini. Eu não presenciei mas contada por ele, o fato é verídico. O Negrini com quatro enormes malas, sozinho chegando no centro de Barcelona, na cidade antiga, onde ele arrumou uma pousada para dormir a primeira noite. Ele carregava duas malas e trazia as outras duas mais dez metros [RISOS]...

---

<sup>15</sup> Rede Brasil Sul de Comunicação.

Airton Negrini – Como eu cheguei no local parecia que eu ia para o céu, tinha quinhentas mil escadas para subir [RISOS], consegui colocar tudo aquilo no quarto...

Mário Brauner – Não tinha elevador?

Airton Negrini – Não tinha elevador coisa nenhuma. [RISOS].

Eduardo De Rose – A única coisa que eu tenho para falar do Negrini é que um dia ele me deu uma mala para levar para um cara E e eu disse: “Claro que eu levo”. Eu levava qualquer coisa, eu ia como um jamanta...

Airton Negrini – Era pequena a mala?

Eduardo De Rose – Não posso dizer o tamanho... [RISOS] E quando eu cheguei na casa do cara, o cara me deu uma bronca: “Tu nunca mais pega nas minhas coisas, não quero essa mala”. [RISOS]. Eu não sabia o que eu ia fazer com a mala, deixei a mala lá e fui embora, essa foi a pior situação que o Negrini me arranhou, mas sem querer né. Ele era um cara legal, é nosso colega e nós temos que ajudar todo mundo... [RISOS].

Mário Brauner – Queria lembrar de um cara que nos deu uma força incrível desde inicio que foi o Conrad Vilanou. Ele não se sentia à vontade para nos orientar, mas não nos deixava sozinho de jeito nenhum, nos acompanhou muito, então até que nós nos arrumamos nosso orientadores...

Eduardo De Rose – Eu acho importante valorizar essa parte. Na vida tu tens muitas pessoas que te abrem porta, embora a maioria feche porta, mas não adianta abrir a porta se o cara não se joga com vontade. Eles realmente não tiveram uma situação excepcional mas eles tiveram uma oportunidade e aproveitaram a oportunidade; aproveitaram com muito sacrifício, não quero que fique a ideia de que eles foram para um paraíso. Eles passaram dificuldades, é claro que eles aproveitaram, é claro que eles agora têm ótimas recordações e isso uniu muito o grupo; eles eram um grupo de professores muito unidos e trabalhavam

juntos e se ajudavam e esse mérito é um mérito que eles tem e para mim é um mérito maior.

Mário Brauner – Eu acho que quando começarmos a contar a história de cada um isso não terá fim porque cada um tem uma experiência... Mas, para efeitos da ESEF, aquele tempo serviu também porque a gente se ajudou muito nas dificuldades.. Eu caminhei com o Negrini muitas vezes, ele fazia um negócio de psicomotricidade fora da cidade, não me lembro o nome do lugar e ele ia lá diariamente enquanto eu não tinha definido ainda a minha área e a orientação, eu não sabia o que fazia e eu acompanhava os caras que sabiam para onde estavam indo e o que iam fazer. Eu acho que com o Chico nós almoçamos muitas vezes juntos, passávamos o dia na zona universitária, na biblioteca, trocávamos muita ideia de futuro e de presente. A gente teve durante muito tempo uma trajetória muito parecida, fomos treinadores da SOGIPA<sup>16</sup>, professores no Julinho<sup>17</sup>, viemos para a ESEF praticamente no mesmo período, um pouco mais, um pouco menos... Bom, a chegada do Élio e nossas famílias tiveram uma convivência muito importante, as crianças dormiam uns nas casas dos outros, quando ia o filho do De Rose, não me lembro o nome do teu filho de Rose...

Eduardo De Rose – O Duda, o mais moço.

Mário Brauner – O Duda. O De Rose de vez em quando levava os filhos...

Benno Becker Júnior – Voltando ao tema da entrevista, eu gostaria de colocar em cima disso ai que o Negrini falou que ele também trabalhou quatro anos de graça aqui na ESEF e eu também fiz isso. Em 1998 eu me aposentei porque tinha tempo e trabalhei mais quatro anos para formar os mestrandos aqui, para terminar o meu curso, mas isso não significa que eu seja bonzinho. O que nós fizemos e que isso também o De Rose é responsável pelo que eu estou dizendo a respeito da psicologia, ele me deu chance, certamente não adianta só dar chance e o que aconteceu comigo? Nós criamos uma Sociedade Gaúcha de Psicologia do Esporte, Brasileira de Psicologia do Esporte, Sul Americana de Psicologia do Esporte e isso tudo é em função do nosso pontapé inicial. Isso significa que eu tinha bala

---

<sup>16</sup> Sociedade Ginástica Porto Alegre.

na agulha e tem um monte de gente também e às vezes falta esse tipo de visão. O De Rose tinha uma visão sistêmica muito boa, é bem provável que nós todos tenhamos isso, ele foi o que iniciou Medicina do Esporte, o curso de Medicina do Esporte do Pós-graduação e que vinha gente de tudo que é lado. Teve um momento que teve cento e sessenta alunos, quer dizer, tinha gente de tudo é que é tipo e ai ele teve um problema. Ele teve um problema também, ele teve um problema seguinte: um monte de profissionais vieram para fazer o curso que era de Medicina do Esporte, e depois estavam começando a incomodar que eles iam ser médicos do esporte. Ai o De Rose fez pela primeira vez o curso de Medicina do Esporte e Ciências do Esporte e ai a coisa ficou organizada e realmente, não só Brasil, mas no mundo, nós temos gente de tudo que lugar...

Eduardo De Rose – Teve uma guria da Islândia, a guria veio...

Benno Becker Júnior – Teve uma da Finlândia também. Teve gente que a gente não esperava que viesse, vieram e quando eu fui para Espanha para esse doutorado eu já era professor visitante permanente da Universidade de Córdoba e convidei o Chico e o Élio Carravetta para dar aula dentro do meu espaço da pós-graduação e cada um ganhou dez aulas para dar aula, foi dez aulas cada um?

Élio Carravetta – Foi.

Benno Becker Júnior – Pagaram um cheque para eles, bem pago, nos deram um espaço bonito. E o bonito é que tanto o Chico como o Hélio chegaram lá e destroçaram.

Eduardo De Rose – Esse contato de Córdoba quando veio para cá, era um espanhol, ele veio para cá e no meio dos espanhóis e eu não me dei conta que ele não era aluno, ele era professor, ele veio fazer um semestre sabático aqui

Benno Becker Júnior – Era coordenador do doutorado lá.

---

<sup>17</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

Eduardo De Rose – E eu botei o guri no curso e o guri começou a ter aula no curso e um dia ele veio falar comigo e começou a chorar e eu disse: “O que há, cara?” E ele respondeu: “Professor, é que o senhor está errado. Eu vim aqui para fazer um sabático em Cineantropometria e o senhor está me colocando como aluno.” Disse: “Mas vem cá, com quem que tu falou, que tu ia fazer um sabático aqui, como eu vou adivinhar?” “Eu falei com o professor Jorge<sup>18</sup>.” Ou seja, ele falou com o Jorge e o Jorge deu um aceite para ele mas não me disse nada e ele ficou seis meses como aluno do curso. Depois é que coloquei ele realmente como professor e ele ficou muito grato...

Élio Carravetta – Um encontro também aqui dentro da proposta é que nós vivenciamos a pré-olimpíada, todos os preparativos para a Olimpíada e dentro de Barcelona onde o presidente do COI era o Juan Antonio Samaranch. Então vivemos todo um processo de modernização urbana, um processo de uma transformação, entrando uma Cultura Olímpica. Nós vivenciamos esse momento, vivenciamos independente dos Jogos Olímpicos, vivenciamos o momento pré-olímpico. Dentro do curso nós estudamos muito a história do movimento olímpico, a história do olimpismo, então, isso nos deu um embasamento teórico grande. Independente disso nós tivemos esta vivência e nesse período também, eu levei um atleta para tentar o índice para a Olimpíada pois eu tinha um sonho de vida: eu queria ver um atleta no pódio olímpico e este atleta viajou pela Europa para tentar o índice olímpico mas não conseguiu. Independente disso ele teve uma participação grande em diferentes eventos e, os resultados dele começaram a crescer, então isso também nos oportunizou participar, ter alguns contatos dentro desta área. Nós vivenciamos bastante o Movimento Olímpico e a realização da Olimpíada. No segundo momento nós vivenciamos muito o período pós-olímpico, como foi Barcelona, a cultura da Barcelona, como Barcelona viveu depois da Olimpíada, também foi outra oportunidade. Independente disto, eles promoveram muitos cursos e a maioria aqui participou. Esse atleta que não conseguiu o índice olímpico, a Maratona Olímpica foi final de julho, entre 28 e 30 de julho e a Maratona pós-olímpica foi em março, entre 10 e 15 de março. Esse atleta continuou treinando e ganhou a maratona pós-olímpica com o melhor tempo do atleta que venceu a maratona olímpica e era um ícone, era um representante nosso que estava ali como nós e convivíamos de uma forma estreita e até familiar. Era uma comunidade que nós tínhamos,

---

<sup>18</sup> Jorge Pinto Ribeiro.

as nossas relações afetivas muito próximas e esse atleta também estava incorporado a essa realidade, a esse espírito olímpico porque nós participamos como voluntários olímpicos, então, nós vivíamos a Olimpíada, um sentimento olímpico e a realidade olímpica.

Airton Negrini – A organização era algo assim indescritível, porque também havia muita expectativa naquele momento, principalmente na Espanha. Por exemplo, em Barcelona em 1992 não havia, vamos dizer assim, essas novas tecnologias, a nossa dificuldade em fazer contato com a ESEF da UFRGS era imensa. E o que também me chamou a atenção é como eles organizaram tudo, era o gerenciamento de um universo de voluntários porque nós ainda ficamos em uma situação muito privilegiada, nós ficamos dentro da equipe médica, nós éramos escolta mas dentro da equipe médica que era já diferenciado. Os crachás também já eram diferenciados, a cor dos crachás de identificação com fotografias inclusive. Isso foi algo assim muito marcante.

Élio Carravetta – A própria arquitetura.

Airton Negrini – A arquitetura naquele momento pré-olímpico e pós olímpico. Barcelona é uma cidade que, quando eu cheguei em 1989, eu costumo dizer que estava de costas para o mar, é como se fosse o nosso cais do porto. Mas a Espanha, na verdade eles fizeram alguma coisa que poucos países acho que fizeram, o pré momento olímpico. Em 1992 teve três mega acontecimentos na Espanha. Madrid era a capital da cultura, teve a Olimpíada e depois a Paraolimpíada. Eles fizeram nesse pré-olímpico um investimento de recuperação de prédios públicos históricos e de mobilidade urbana...

Mário Brauner – Em dez anos evoluiu o que uma cidade comum leva cem anos.

Benno Becker Júnior – Eu queria te colocar, Silvana, naquela perspectiva que tu colocaste aqui para a gente sintetizar esse momento em Barcelona. Primeiro, eu queria fazer uma questão de justiça para o Élio. O Élio teve problema na hora da chegada, ele não conseguiu fazer o curso lá dentro do Instituto e aí o Élio deve se lembrar, ele estava desesperado e a gente deu um suporte muito grande, ampliou um monte a visão dele. Na verdade a gente foi para a Espanha porque o De Rose abriu as portas e na verdade sempre Deus nos

acompanhou lá. Nós fomos lá, tivemos uma chance boa, realmente nós fomos reforçar a nossa parte também científica, a parte psicossocial, uma estrutura de personalidade, nós viemos mais fortes e o que é mais importante. O que eu posso dizer de cadeira para vocês todos que aqui estão, que o mais importante foi o que nós fizemos depois, ou seja, nós distribuimos esse conhecimento, distribuimos abertamente, nós formamos um monte de alunos, quer dizer alunos de pós-graduação também, em nível de pós-graduação e também na graduação. Isso é a coisa mais importante que possa existir, realmente é a docência. Esse dia eu coloquei no *facebook* e o pessoal adorou isso, mas sempre digo isso. Nós temos uma limitação no nosso corpo, na nossa vida e a docência nos faz imortal. Nós somos imortais, já há muito tempo porque nós passamos para os nossos alunos e eu tenho alunos que tem netos, alunos que eu carreguei no colo e que hoje tem netos. O que significa isso? Nós estamos dentro de cada um e isso vai ser ilimitado, ou seja, nós somos imortais, esse é o grande negócio da docência e eu agradeço muito as pessoas que me ajudaram, os meus amigos, os meus colegas, mas também muito a Deus por ter me encaminhado para a docência. Essa parte do dinheiro que hoje muito, essa voracidade pelo dinheiro, teve claro um tempo que nós precisávamos dele para sustentar nossas famílias, depois a gente chega em uma etapa que não é mais isso, que não é mais necessário isso, mas sempre a gente esteve dentro do prisma assim da docência, de distribuir conhecimento de tudo que é maneira e isso originado para aqueles que nos ajudaram antes e que foram nossos professores. Depois eu fiz grandes eventos com muita gente, muita gente, foi o maior de todos, mil setecentos e cinquenta pessoas no primeiro Congresso Internacional de Psicologia do Esporte no Brasil. Nunca teve um igual naquela época, hoje nós temos eventos com dez mil entende? Mas isso tudo me possibilitou essa visão de mundo e eu tenho certeza que meus colegas que aqui também estão...

Airton Negrini – Não, e em uma época Benno em que não tinha a tecnologia que tem hoje...

Benno Becker Júnior – Não tinha celular, não tinha. Então basicamente é isso Silvana. Eu agradeço muito quando o Mário me chamou e perguntou se eu viria, se teria algum problema? Não, não tem nenhum problema. Até aconteceu uma coisa do meu inconsciente hoje. Me preparando para vir aqui, a minha mulher que me cuida muito, disse, tu está meio

ruim de garganta, bota uma camiseta por baixo, e se vocês podem ver daqui, eu peguei uma que está escrito: ESEF cinquenta anos, que eu ganhei em uma ocasião daquela comemoração. Então agradeço também a ti Silvana e o privilégio de estar aqui com gente importante que foram os meus colegas, os meus amigos queridos e a ESEF vai estar sempre no coração, eu escolhi a ESEF para mim, às vezes a gente não escolhe, a gente é jogado.

Francisco Vargas Neto – Silvana, vamos ver se eu consigo reduzir um pouco, porque eu falaria durante muitas horas aqui. Eu era treinador de judô na SOGIPA, era professor de educação física em tempo integral no Colégio Estadual Júlio de Castilhos com quarenta horas, corria da manhã à noite, gastava tênis em quadra e gastava a sola do pé em cima de tatame. Vivia para isso. Até que um belo dia o doutor Eduardo Henrique de Rose, aqui eu lembro no corredor da ESEF, ele disse; “Estou te mandando para a Espanha!” É exatamente aquilo que ele contou. Eu vi essa perspectiva assim, é a chance da minha vida, não tinha dúvida nenhuma disso, tanto é que a gente acabou indo. Eu de maneira particular, sem bolsa de estudos, mas eu sabia e eu entendia que era a grande chance, que teria que ser aproveitada. Lembra De Rose que chegou uma carta de aceitação, escrita em catalão, e aquilo me causou muita estranheza. Eu sabia que a Espanha tinha outras culturas e tal mas eu nunca imaginei que eu recebesse uma carta mesmo que de Barcelona, dizendo que eu estava sendo aceito em um curso de doutorado em um outro idioma que não se entendia. Sabe quem é que fez aquela tradução? O atual reitor da PUC, que na época tinha acabado de chegar de lá...

Eduardo De Rose – É, como hoje, tem que ter a carta de aceite para tu pedir a bolsa.

Francisco Vargas Neto – Abre-se então essa possibilidade e eu acabo abandonando a PUC porque acabei entrando aqui na ESEF. Abandonei aquela possibilidade que a gente tinha lá que era do treinamento, do ensino e da prática do judô. Então se abre essa oportunidade, a gente passa lá algumas dificuldades como já relatadas aqui, mas foram dois anos maravilhosos que antecederam a Olimpíada e mesmo durante a Olimpíada porque eu participei quase que dentro do tatame, da segunda medalha de ouro do judô brasileiro, que foi conquistada pelo Rogério Sampaio na Olimpíada de Barcelona. Inclusive quando

aparece a imagem dele lutando e ganhando, nós aparecemos muito claramente ali atrás. Isso possibilitou que na volta para Porto Alegre a gente trabalhasse aqui no mestrado e no doutorado, que tivesse formado vários professores com mestrado que estão trabalhando por aí. Nós tivemos a possibilidade de abrir a chance para esse pessoal que vinha das lutas, que vinha do judô, que dificilmente encontrava essa chance de ser recebido em um mestrado, que pudesse fazer o curso. Além disso, de certa forma fui até pouco tempo diretor de um curso em uma instituição particular, a São Judas Tadeu, e agora fui chamado para dirigir o primeiro curso de educação física, um bacharelado, dentro de um clube esportivo no Brasil. Inclusive causou muita surpresa ao Ministro do Esporte que esteve lá nos visitando outro dia e disse que essa ideia deveria ser ampliada pelo Brasil a fora; é um curso no qual nós queremos buscar a excelência.

Eduardo De Rose – Curso, aliás que tu foi posto para a rua porque rodaste um cara. Foi uma volta por cima bonita que tu fez.

Francisco Vargas Neto – É, fui mandado embora porque eu tinha que aprovar esses alunos e eu disse que de maneira nenhuma faria isso. Fui mandado embora e depois fui chamado para ser diretor no lugar da pessoa que me mandou embora. Então eu acho que é mais ou menos isso, Silvana, a gente continua na luta. Como diz o Benno, ensinando e aprendendo no nosso dia-a-dia e méritos ao doutor de Rose.

Eduardo De Rose – Méritos a vocês, eu já disse isso bem claramente. A função de um professor, e eu garanto que vocês todos fazem isso, é abrir portas. Eu aqui na ESEF brigava muito porque eu queria abrir portas e havia certas coisas que não abriam portas. Eu penso que na base de tudo isso talvez venha o LAPEX<sup>19</sup>, porque o LAPEX foi a primeira abertura de portas que houve nessa escola. Muito do que aconteceu depois iniciou comigo no LAPEX. Na década de 1970 o professor Lamartine<sup>20</sup>, fez um diagnóstico e fundamentou que não havia ciências do esporte no Brasil e por isso nós não tínhamos atleta. Realmente nos anos 1970 nós não tínhamos um atleta olímpico brasileiro e hoje nós temos quantos? Quinze, vinte medalhas olímpicas e isso criou os centros de pesquisa e eu consegui trazer o LAPEX porque quando se divulgou isso, foi uma quarta feira de cinzas,

---

<sup>19</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício da Escola de Educação Física.

no Rio de Janeiro, todo mundo estava na festa e eu disputei com Santa Maria e a ESEF ganhou. O LAPEX mudou a mentalidade aqui na Escola uma mentalidade de uma escola francesa rígida de educação física para uma escola mais universal, mais técnica e mais científica.

Mário Brauner – Agora vai desaguar no de Rose de novo, porque entrando na função do gestor, sentando no lugar do gestor, não é qualquer direção que tem essa abertura, que tem essa saída como um investimento. Porque para nós sairmos, os nossos colegas ficaram. Muitos deles não quiseram sair mas alguns deles não puderam sair para que a gente pudesse ir. Então nós temos muito a agradecer aquela circunstância que se criou e a pessoa que estava lá no lugar que viu essa possibilidade de se multiplicar é e esse cara a quem nós estamos agradecendo hoje e também agradecemos a outras pessoas. Enfim, é muito complicado fazer uma formação em massa como nós conseguimos fazer em um determinado tempo.

Airton Negrini – É, mas essa é a grande questão que está em jogo, bom, mas isso é outra discussão. Hoje as pessoas na realidade já entram como doutores, todavia, essas pessoas que se formam doutores não tem a experiência de campo que tivemos. Este é o detalhe. Agora veja, a educação física tem uma lacuna muito grande nesse meio tempo e continua, agora parece que, não sei o que vai acontecer. Eu fiz um projeto recentemente de um curso tecnólogo de gestão desportiva e lazer, quer dizer, nem a graduação em educação física, a licenciatura, nem o bacharelado deu conta a termos no Brasil em formar um gestor esportivo de lazer. Nós conhecemos o perfil do professor, há pessoas que vem para cá, que não querem ser professores, querem ser gestor. Então também, quer dizer, a visão da gestão dele foi brilhante na época porque não tinha um professor de gestão e sim o gestor é que tem que enxergar isso aí. Nós éramos professores e que fizemos tudo nesse meio tempo, fizemos gestão, fizemos... Enfim.

Élio Carravetta – Eu queria só fazer uma observação. Como é o Centro de Memória do Esporte, o De Rose falou no Lamartine, então a história ela não contempla o Lamartine na

---

<sup>20</sup> Lamartine Pereira Da Costa.

história do futebol e o Lamartine foi extremamente importante. Então eu registro aqui o papel dele principalmente na Copa do Mundo de 1970.

Airton Negrini – Não eu só quero dizer o seguinte, eu estive pensando muito, eu tenho uma biblioteca também com aproximadamente mais de mil livros, muito mais, coisas históricas, inclusive o documentário do Lamartine em 1970 que foi publicado. Tem livros ai que não existe por ai. Mas é o seguinte, eu vou reunir tudo o que eu tenho de Barcelona, porque não tem sentido nenhum ficar na minha casa, nem aquele quadrinho da bandeira. Eu eu vou dar para o Centro de Memória do Esporte porque aqui pelo menos fica imortal, na minha casa os meus filhos não tem nem ideia do que era, de saber o que é aquela medalha que eu recebi, então eu pego lá a camisa que está Barcelona, que foi o uniforme que a gente recebeu e trago para o Centro e vocês registram: isso aí o Negrini vestiu. Eu vou organizar isso com tempo e num vinda a Porto Alegre eu passo por aqui, deixo aqui já tudo documentado com a legenda e ai vocês podem fazer o uso que vocês bem entenderem.

Silvana Goellner – Se por um lado vocês falaram que a docência é importante, que vai se multiplicando, eu também tenho uma carreira de docente, mas eu acho que hoje as novas tecnologias permitem que essa multiplicação se dê de várias formas e uma delas é exatamente esse repositório digital, ou seja, nosso acervo não vai ficar restrito ao Centro de Memória do Esporte. Esse depoimento de vocês, os materiais institucionais que a gente já tem e que dizem respeito a vocês, na medida em que a gente puder disponibilizar isso, o mundo poderá ter acesso. Eu vou passar o endereço eletrônico para que vocês tenham ideia do que estamos fazendo e se sintam integrante dessa comunidade e do repositório digital.

Eduardo De Rose – O LAPEX fez uma coisa que na época se chamava de Cedime, que é o primeiro Centro de Documentação Brasileira, que a gente copiou da Universidade de Colônia, do centro da Alemanha e a gente tinha revistas que ninguém tinha, então, a gente distribuía essas revistas para a área de educação ver porque no nosso tempo não tinha internet e para se conseguir uma informação tu tinha que ir para um Congresso porque uma revista demorava seis meses para chegar aqui, então a gente conseguiu... Enfim, já para encerrar eu posso contar uma piada?

Silvana Goellner – Claro, pode.

Eduardo De Rose – Eu vou encerrar porque, não é piada, é como os espanhóis dizem às vezes, é sobre um fato interessante que ocorreu na competição da vela. O rei da Espanha decidiu botar o filho dele de atleta de vela mas o Felipito não veleja nada, é que nem eu. Então botaram um cara que era campeão olímpico com o Felipito para correr no barco. Bom, evidentemente que o Filipito entrou com a bandeira da Espanha, não sei como não mataram ele naquele estado, mas ele conseguiu chegar até o fim, mas na competição de vela ele tinha que competir. Bom, ele competiu, eram trinta e seis barcos, ele tirou trigésimo sexto lugar. Ai eu vou para fazer o sorteio com o delegado da vela e sugeri para o delegado: “Quem sabe o senhor tira o barco da Espanha porque ele entrou em trigésimo sexto e se por acaso a gente sortear um príncipe vai ser uma confusão porque obrigar um príncipe a fazer *doping* não é igual a obrigar um atleta a fazer isso. Ele disse: “Não, isso aqui é a Espanha, aqui é democrático, aqui todo mundo vai... E adivinha: sortearam o barco trinta e seis. [RISOS]

Silvana Goellner – Trinta e seis, não acredito.

Eduardo De Rose – Aí tinha que sortear um dos dois atletas. Sortearam os dois. Daí como é que tu vai notificar um príncipe: Tipo: “O senhor tem que comparecer...” O problema é o seguinte: até sortear nós podíamos ter evitado mas se sorteou não existe escape. Sorteou ele é um atleta, ele vai ser controlado. Daí é outra confusão porque a casa real tem todo um protocolo e o atleta tem uma hora para aparecer na sala antidoping. Aí foram lá, o protocolo não queria permitir. O rei não estava, só estava a rainha e disse: “Ele é igual aos outros atletas, ele vai para o controle”. Ai ele foi mas teve que ser escoltado pela segurança e entra com cinco escolta e a confusão estava pronta porque tem toda uma regulamentação. Depois de muita discussão ele vai com a escolta dele, então, a escolta dele vai primeiro, entra na sala de doping, levanta a patente para ver se não explode, aquelas coisas todas para ver se não tem nitroglicerina no lugar da água, etc. Aí fizeram o check-up, saíram e o príncipe entrou com o segurança. Nossa instrução é rígida: o escolta tem que ver a urina saindo do meato uretral. Imagina se tu vai ver o príncipe... [RISOS]

Eduardo De Rose – Fizemos tudo e tal e o príncipe fez o controle.. Isso é brincadeira minha porque na realidade o laboratório não sabe, mas até hoje tem no laboratório o vidrinho de urina do príncipe... [RISOS] Se achasse alguma coisa ali...

Silvana Goellner – Enfim, muitas histórias para contar. Eu queria agradecer imensamente a disponibilidade de vocês...

Eduardo De Rose – Eu vou aproveitar para dar ao Centro de Memória do Esporte a bolsa da Olimpíada de Barcelona.

Silvana Goellner – Olha só, que maravilha.

Eduardo De Rose – Era a bolsa da comissão médica...

Silvana Goellner – Estão lembrados disso? Podemos fazer uma foto de todos vocês junto com a bolsa de Barcelona? Professores, em nome do Centro de Memória do Esporte, novamente, agradeço o aceite para realizarmos esse encontro. Certamente foi um encontro memorável.

[FINAL DO DEPOIMENTO]